OS OLHARES DA ALTERIDADE: OS SÍRIOS E LIBANESES E SUAS FORMAS DE SE REPRESENTAR E SER REPRESENTADO[1]

Marcelo Vieira Magalhães[2]

RESUMO: A chegada de sírios e libaneses ao Maranhão a partir do final do século XIX gerou controvérsias, rotulados a princípio, por parte da sociedade ludovicense, como pessoas de má fé, foram tachados de sonegadores de impostos, ladrões e enganadores. Por outro lado, seus defensores criaram marcas na sua personalidade e trajetória, definindo-os como trabalhadores, bons comerciantes e honestos. A partir de 1930 é possível perceber nos escritos uma representação semelhante a construida por esses imigrantes e no final do século XX a literatura acadêmica reproduzindo esse mesmo discurso, atribuindo a essa imigração voluntária sucesso e omitindo os que não deram certo. Conclui-se então que, nessa guerra de representações, saiu vencedor a dos sírios e libaneses.
Palavras-chave: imigração, bibliografia, representação.

ABSTRACT: The arrival of the Syrian and Lebanese Maranhão from the late nineteenth century has generated controversy, labeled the principle ludovicense by society as people of bad faith, were branded as tax evaders, thieves and deceivers. On the other hand, its proponents have created marks on your personality and career, defining them as workers, good and honest traders. From 1930 you can see in the writings representation similar to those built by immigrants and in the late nineteenth century academic literature reproducing that same speech, attributing this success and voluntary immigration omitting that did not work. It was concluded that, in this war of representations, was the winner of the Syrians and Lebanese.
Keywords: immigration, literature, representation

"Eu sei que o povo libanês é um povo francamente maravilhoso. Onde quer que vá, ele luta e vence".
"O patrício faz negócio dentro da própria casa, está no sangue".
"Mas olha, são uns bandeirantes mesmo"[3].

"Porque a vocação do libanês é ser empresário, você não vê um, vem pra cá monta restaurante, dono de padaria". [4]

"Para cúmulo de nossa perturbação, tem convergido para o Maranhão o rebutalho do elemento colonial (libanês) [...]".[5]

"A ganância [dos libaneses], um systema do commercio todo vicioso [...]".
"Ou obter as mercadorias, que espõe á venda, illudindo o pagamento de impostos [...]". [6]

---

[1] Esse artigo é uma versão ligeiramente modificada do segundo capítulo da minha dissertação de mestrado defendida no programa de mestrado acadêmico da UECE, em 2009, "Sírios e Libaneses na Cidade de São Luís (1885-1930): entre Táticas e Representações".
[2] Professor do Departamento de História da UERN (Assú). Doutorando do Programa Inter-Universitário de Doutoramento em História (Univ. de Lisboa, Univ. de Évora, Univ. Católica de Portugal, ISCTE). mvieiramagalhaes@yahoo.com.br.
[3] GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da Imigração**: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso, 1998. "Sr. Eduardo". p-127.
[4] Henry Duailibe. Depoimento concedido, em São Luís, no dia 23 de março de 2007
[5] *A Pacotilha*, 31/12/1901
[6] Diário do Maranhão, 25/01/1900

Como pode-se perceber a partir desses fragmentos da memória oral e de escritos em jornais, existiam duas representações em torno dos libaneses, seja no Maranhão ou fora dele. O trabalhador incansável, o bem-sucedido e o desbravador são algumas das representações recorrentes elaboradas e difundidas por esses imigrantes e seus descendentes. Em sentido contrário, percebo outra representação, elaborada e difundida por maranhenses no início do século XX, que nega esses valores e lhes atribuem outros, negativos, tais como: ladrões, sonegadores de impostos e enganadores.

A memória positiva elaborada e difundida pelos sírios, libaneses e seus descendentes, mais tarde, foi, em parte, incorporada e reelaborada por frações da população que os associavam diretamente, como ainda hoje, ao comércio e à vida economicamente estável – "todo libanês é bem de vida", diz o senso comum. A relação deles com o comércio produz outra associação recorrente: o apego ao dinheiro, como se pode observar a partir do anedotário maranhense. O antropólogo Olavo Correia Lima[7] catalogou algumas dessas anedotas no início da década de 1980. Em uma delas,

> a parturiente estava em penoso trabalho de parto. Nada de ter a criança. Neto Guterres, famoso parteiro e conceituado clínico da colônia Sírio-libanesa, já pensava em fazer fórceps, quando interveio velha patrícia:
> – Dotô, mim bode dar um jeito...
> Pôs uns níqueis numa lata vazia de leite condensado e os sacudiu. Ao ouvir o tinlitat característico do dinheiro, o menino "meteu a cara".

Em outra, um personagem chamado Salim é procurado por um emissário:

> – Seu Salim está?
> – Saieu
> – Trouxe uma carta, com uma importância para ele.
> – Sou eu, Salim está para receber.

Além disso, a representação positiva desses imigrantes faz referência ao momento que antecede sua chegada ao Brasil ou mesmo a sua origem no Líbano ou na Síria. Esses imigrantes vão buscar na suposta origem fenícia a explicação para algumas das características a eles atribuídas por eles mesmos: o seu afinco ao trabalho, o gosto pelo comércio e o seu espírito desbravador.

Essa relação foi e é bastante difundida por intelectuais e escritores libaneses e alardeada pelos membros dessa etnia[8]. Mas, podemos encontrar dentro do meio acadêmico brasileiro, especificamente maranhense, quem difunda tal teoria. Lima[9], que

---

[7] LIMA, Olavo Correia. **Os sírios e os libaneses no Maranhão**. 2. ed. São Luís, 1981.

[8] GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil:** história oral dos imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.
[9] LIMA, Olavo Correia. **Os sírios e os libaneses no Maranhão**. 2. ed. São Luís, 1987.

tinha como objetivo “traçar o seu [dos sírios e libaneses] perfil antropológico, exclusivamente”, se propõe a buscar as origens do que ele chama de “fenícios maranhenses”. Para isso, remete-se a mais de 2000 anos a. C., demonstrando uma espécie de árvore genealógica dos libaneses e sírios. Lima explica a relação entre sírio-libaneses e fenícios:

> Embora os Krethis tivessem esbarrado no Delta, sofrendo a primeira derrota de sua invasão asiática, ficaram, porém, senhores de toda a costa sírio-libanesa, cortando o caminho da velha influência egípcia sobre o país dos Cedros. Com o tempo, os heróis homéricos se miscigenaram com os descendentes de Abraão e Moisés, fundindo-se num só povo os fenícios fusão étnica e cultural essa, que se tornou mitológica e só recentemente desvendada pela arqueologia. (LIMA, 1981, p. 13).

O professor Lima, explicando a descendência dos sírios e libaneses a partir da mitologia e da arqueologia, reforça a tese da origem fenícia e assim contribui para a manutenção desse mito fundador. No seu pequeno livro[10], frases surgem para incrementar a tese que tem como fim explicar o “espírito aventureiro” e o “gosto pelo comércio” desses imigrantes. Vejamos alguns trechos:

> A origem dos sírios e libaneses se confunde com a dos fenícios, seus ancestrais históricos. (p. 9).
>
> Os próprios gregos, ignorando os fatos homéricos, não entendem a crescente grandeza fenícia, como hoje dificilmente compreendemos como pobres e desprotegidos emigrantes fizeram fortuna em tão pouco tempo e com tão pouco capital. (p. 14).
>
> Esse poder de adaptação ecológica nos parece uma qualidade fenícia importante quer física ou cultural que esclarece perfeitamente a vitalidade e o êxito das migrações modernas dos sírios e libaneses, inclusive dos fenícios maranhenses. (p. 16).
>
> Muitos dos judeus que acompanharam os bandeirantes, fazendo mascatagem e agiotagem, deviam ser sírios e libaneses. Como os fenícios, viajar negociando devia ser para eles grande prazer. (p. 23).

---

[10] Olavo Correia Lima foi médico e professor de antropologia da Universidade Federal do Maranhão, publicou uma série de livros com temáticas variadas, além dos sírios e libaneses escreveu também sobre pré-história e índios no Maranhão. Suas publicações tinham formato artesanal: eram datilografadas, fotocopiadas, encapados e colocados à disposição dos interessados. Os textos eram distribuídos em quantidade pequena de páginas.

A tese da origem fenícia é reproduzida no Maranhão por outros dois estudos, frutos de trabalhos de conclusão do curso de História da UFMA[11]. Nestes, os autores mencionam, mesmo que vagamente, a origem fenícia dos libaneses e sua relação com o comércio e com o espírito aventureiro. Em *Estudos da imigração libanesa no estado do Maranhão*, Santos[12] citando entrevistas que realizou, diz:

> Outro fator é destacado pelos descendentes destes imigrantes. Trata-se da convicção existentes entre eles, de que o libanês tem espírito aventureiro e conquistador, por ser descendente de "um dos povos mais brilhantes da antiguidade, os fenícios, como orgulhosamente costumam dizer. Por isso, seria intrépido e desbravador, condições necessárias para migrar e alcançar sucesso em terras desconhecidas".[13]

O autor sem questionar a afirmativa tão comum entre os entrevistados, como ele mesmo coloca, parece concordar com a afirmação, pois encerra o subcapítulo com essas palavras, sem qualquer reflexão ou questionamento.

França[14] é mais enfática afirmando que "esses pioneiros foram assim aventureiros no mais típico exemplo de seus antepassados fenícios". Sem mais delongas, começa e encerra o assunto com essa frase, preferindo não questionar ou aprofundar o tema.

A postura evasiva dos autores parece estar relacionada a pouca importância que dão ao tema, já que seu objeto, em ambos os casos, é a chegada, a permanência e a ascensão social desses imigrantes, o que por outro lado não inviabilizaria uma discussão sobre o tema, já que é tão recorrente nas falas dos imigrantes e de seus descendentes entrevistados pelos pesquisadores.

A origem fenícia é questionável, como demonstra Oswaldo Truzzi[15]. Esse autor se utiliza dos argumentos de Antum Saadê, intelectual e deputado no Líbano, que viveu no Brasil durante anos. Para Saadê, é "estúpido pensar que as fronteiras do Líbano atual, traçadas num escritório por um francês e um inglês, pudessem coincidir, retroativamente, com as de um país fenício tendo existido há cerca de três mil anos".

---

[11] FRANÇA, Magda. **O estabelecimento da colônia libanesa no Maranhão**. São Luís, 1990. SANTOS, Robson Ruiter Mendonça. **Estudo de imigração libanesa no estado do Maranhão**. São Luís, 2000.
[12] SANTOS, Robson Ruiter Mendonça. **Estudo da imigração libanesa no Estado do Maranhão**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.
[13] SANTOS, Robson Ruiter Mendonça. **Estudo da imigração libanesa no Estado do Maranhão**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.p.18-19.
[14] FRANÇA, Magda. **O estabelecimento da colônia libanesa no Maranhão**. 1991. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1991.
[15] TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. Brasília: Sumaré, 1991.

Se coincide ou não, a questão é que os libaneses difundiram essa tese com a intenção de se diferenciar dos árabes e consequentemente dos muçulmanos, os quais foram seus dominadores. Valorizando a origem fenícia, desprestigiam a história árabe na região, além de vinculá-los (os sírios e libaneses) a um povo de grandes habilidades no comércio e na navegação, o que justificaria suas afirmativas sobre si mesmos.

A tese difundida pelos libaneses de que seriam aventureiros, de que gozavam de um espírito desbravador, leva-os (e leva outros) a se comparar com os bandeirantes em São Paulo, local para onde se dirigiu a maior parte dos imigrantes dessa etnia. É comum os entrevistados referirem-se a seus antepassados como verdadeiros bandeirantes, homens intrépidos e corajosos.

Eduardo[16], filho de um sírio que emigrou para São Paulo em 1898, quando fala da saga de seu pai, afirma: "porque os imigrantes são verdadeiros bandeirantes que vieram no passado, não conheciam a língua, trabalhavam e aqui ficavam". Chafic[17], filho de um libanês da cidade de Zarhle, que emigrou no mesmo ano também para São Paulo, quando se refere aos seus patrícios diz que "[...] o verdadeiro bandeirante não foi o bandeirante brasileiro que saiu daqui; o verdadeiro bandeirante foi o patrício, esse que saiu batendo mato e mostrando ao povo, ao menos, como é que se come".

Pode-se perceber através dos discursos uma tentativa de valorização desse grupo quando se comparam aos bandeirantes, homens intrépidos, desbravadores de lugares pouco habitados, perigosos e longe de qualquer civilidade. O libanês seria então não somente o desbravador, mas também o vetor da civilidade e do progresso, "mostrando ao povo, ao menos, como se come". O mostrar como se come é uma referência aos novos hábitos alimentares que estes encontraram no Brasil, diferente e "exótico". No caso daqueles que foram para o Nordeste, longe de uma cultura cosmopolita, mesmo no início do século XX, outra cultura alimentar se sobrepôs. Em vez de Kafta, carne seca na brasa; no lugar de Baba-ganuj, macaxeira cozida, farinha de mandioca e não Keshk; óleo de babaçu em vez de azeite de oliva. É verdade também, que ensinaram aos brasileiros a apreciar sua culinária, hoje tão presente nos banquetes

[16] Eduardo Tamer em entrevista concedida a Greib, Maluf e Mattar em *Memórias da Imigração (1998).*
[17] Chafik Nicolau Aun em entrevista concedida a Greib, Maluf e Mattar em *Memórias da Imigração (1998).*

de finais de semana, nos restaurantes e nos petiscos dos botecos espalhados por todo o Brasil[18].

A culinária local percebida como exótica não foi exclusividade dos sírios e libaneses, os japoneses também não se adaptaram de início as propostas alimentares dos brasileiros. A carne de porco, por exemplo, não comiam, sentiam-se enjoados, pois participavam da matança dos animais como forma de estreitar laços com outros grupos [19]. Ainda sobre os japoneses, Alvim[20] afirma que "o arroz e o feijão à moda brasileira talvez nunca tenha sido tão odiado como o foi pelos japoneses". Estes sem ter quem lhes instruísse comiam bacalhau e carne seca sem deixá-las de molho, assando-os salgados e duros, tiveram que aprender a duras penas o seu preparo. A solução para os que trabalhavam no campo foi o cultivo de seus alimentos. Já os italianos parecem ter se adaptado mais facilmente, incorporando a sua dieta baseada em pão, macarrão, polenta ou broa, o arroz e feijão.

Mas a dificuldade em conseguir ingredientes do seu lugar obrigou os sírios e libaneses a se adaptarem a dieta brasileira, como fizeram os italianos. Parte do problema mais tarde foi solucionado com a abertura de casas comerciais que importavam e vendiam ingredientes e alimentos oriundos da Síria e do Líbano. Lima[21] lembra que a "casa Mohana, na rua Formosa, n. 119, vendia até 1970 diversos artigos: trigo para quibe, tahine, haleue, grão de bico, lentilha, figada, mahátara e azeitona de preferência grega e síria". Outra casa comercial, a "Merciaria Alliança", anunciava produtos a um público bastante seleto em um jornal local:

> À COLLONIA SYRIA-À Mercearia Alliança leva ao conhecimento da colônia syria que recebeu pelo ultimo vapor carneiro com repolho e carneiro com couve, em latas de ½ kilo, o que constitui um prato de 1 ordem e sempre prompto para ser servido.
> Todos por tanto, ao carneiro preparado![22].

Por outro lado, essa imagem, relacionada aos primeiros anos da imigração que os colocam na posição de civilizadores, é rechaçada pelos nacionais, que os percebem

---

[18] Entre os pratos mais comuns estão o quibe frito, asado ou cru, a cafta, o arroz de lentilha, a esfirra e o charuto, facilmente encontrados em restaurantes, mesmo não especializados, lanchonetes, bares e botecos de médias e grandes cidades brasileiras.

[19] FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades campo. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

[20] ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil:** República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[21] LIMA, Olavo Correia. **Os sírios e os libaneses no Maranhão**. 2. ed. São Luís, 1987.

[22] **A Pacotilha**, 1900/1901/1909/1912. (01-01-2012)

de outra maneira: a partir dos seus hábitos alimentares, sendo que estes não passariam de bárbaros, "comedores de carne crua e de criancinhas"[23]. A carne crua é certamente uma referência ao quibe cru, que aos olhos dos brasileiros ganhava tonalidade de barbárie, pois eram acostumados a comer seus alimentos cozidos ou assados. O "comer criançinhas" estaria relacionado, segundo um colaborador de Greib, Maluf e Mattar[24] – o sr. Chafic – ao hábito de se alimentar de carne crua: "Devia haver, entre essas comidas que vinham, pedacinhos de carne, ou eles mesmos pegavam um pedaço de carne crua; daí ter surgido essa história de que turco[25] come carne e come, naturalmente, criança. Isso de comer criança é por que eles comiam carne crua". [26]

Na cidade de Piracicaba (SP) circulava até muito recentemente a lenda do "turco que come criançinha", que o compara ao "bicho papão", criatura folclórica que é anunciada pelos pais com o intuito de assustar as crianças teimosas. O jornal *A Província*, de 12 de novembro de 2007[27], da cidade de Piracicaba, traz uma matéria intitulada "turco que come criança" que tenta explicar a origem desse folclore como crendice dos "matutos" que viam com estranhamento os "civilizados" turcos. A história ganhou contornos tão sérios que jornais da cidade noticiaram, nas primeiras décadas do século XX, a queixa de pais contra "turcos antropofágicos". [28]

Para os brasileiros, causava certo estranhamento, principalmente para aqueles que viviam em pequenas cidades do interior ou no campo, não acostumados com a presença estrangeira, vê-los comer carne crua, gerava distanciamento, fazendo-os elaborar uma representação que aproximava os "turcos" de "uma raça inferior e de costumes exóticos" [29]. Essa imagem ligada à barbárie pode ter sido reforçada pelo modo de comer, já que tinham "o costume de comer algumas iguarias sem o uso de talheres. [pois] [...] não se deve ter vergonha de partir o pão com a mão". KEMEL[30]. Para uma sociedade que se pretendia civilizada, essas atitudes tinham uma conotação negativa,

---

23 Chafik Nicolau Aun, em entrevista concedida Greib, Maluf e Mattar em **Memórias da Imigração** *(1998).*

24 GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da Imigração**: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso, 1998.p.106.

25 Apesar de rejeitado por sírios e libaneses a alcunha de "turco", muitos o assim chamavam e os confundia. O Longo período da região sob o domínio turco e a presença do nome nos passaportes gerou a confusão que parece perdurar até hoje.

26 GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da Imigração**: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso, 1998.

27 Disponível em: <www.aprovincia.com/texto.spx?idContent>.

28 Disponível em: <www.aprovincia.com/texto.spx?idContent>.A provincia de 12/11/2007.

29 LIMA, Olavo Correia. **Os sírios e os libaneses no Maranhão**. 2. ed. São Luís, 1987.

30 KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

que os distanciava dos valores, hábitos e comportamentos modernos[31], como se pode observar em um artigo do Centro Caxeiral e republicado pelo jornal A Pacotilha, no qual o autor se refere pejorativamente ao modo de vida dos "sírios", associando o lugar onde moravam e comiam à sujeira e à desorganização:

> Certas ruas da capital já apresentam ao transeunte um aspecto sórdido, com aposentos provisórios, abandalhados, achiqueirados, porque ali os sirios vivem, cosinham, dormem, etc. no carater nômade, peculiar a essa gente que tem sido expulsa das colonas inglesas e de muitos estados do Brasil.[32]

A manutenção da cozinha étnica tinha grande relevância para os imigrantes de um modo geral, representava, "sobretudo nos primeiros tempos da imigração, uma ponte para a terra de origem, a manutenção de um paladar, assim como uma afirmação de uma identidade". [33]. No romance de Conceição Aboud, a personagem Nabira critica a tendência do neto em não querer casar com patrícias, destacando os supostos atributos negativos da mulher brasileira, entre eles o de não saber fazer comida árabe: "Sérgio, pelo amor de Deus, case com moça de sua raça. Brasilié é fraca, de te filhos. Non gosta de cozinha. Quem vai fazer quibe pra ocê? Ocê non faz bobage, me netinho". [34]

São valores, comportamentos e identidades que estão mergulhados em cada prato da cozinha libanesa ou síria. Para esses homens que comem e para as mulheres que comem e preparam os alimentos (na maioria das vezes), sua cozinha, seu modo de comer, logicamente, não representaria a falta de civilidade ou uma barbárie alimentar[35], pelo contrário, seria o que teriam de mais representativo de sua cultura, plasmado em uma memória olfativa e palativa que precisava ser preservada, cabendo à família, especialmente à mulher, essa função: "Mesmo assim, as famílias continuam a exercer o papel de núcleo mantenedor e distribuidor desse hábito, e a mulher continua a

---

[31] Refiro-me aqui ao final do século XIX e início do XX, quando parte da elite brasileira se pretendia moderna, civilizada e reivindicava o progresso. Esse ideário no Maranhão pode ser traduzido a partir da constituição de um parque fabril que representava o progresso, a intenção de trazer imigrantes europeus, como exemplo de civilidade; a mudança de hábitos que se traduzia na inauguração de lojas que vendiam produtos europeus, com as últimas novidades daquele continente "moderno" e as tentativas de instalar equipamentos urbanos na capital.

[32] (A PACOTILHA, 12/03/1901).

[33] FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades campo. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

[34] LIMA, Olavo Correia. **Os sírios e os libaneses no Maranhão**. 2. ed. São Luís, 1987

[35] No ocidente, a mudança na forma de comer foi lenta, como demonstra Norbert Elias em *O Processo Civilizador*. O uso de garfo e faca, assim como o costume de apresentar os alimentos à mesa em pedaços pequenos, foi processual, como se pode notar a partir da insistência nos manuais ao longo dos séculos XVI e XVII, na França e na Alemanha.

centralizar a preservação do sistema de produção da comida, em cada detalhe conduz à terra dos ancestrais".[36]

A ideia de civilidade e progresso relacionado aos sírios e libaneses, por outro lado, pode ser notada também entre alguns brasileiros. Eurico Macedo[37], escrevendo na década de 1940, observou atentamente vários aspectos da vida social e econômica do estado do Maranhão (indústria, comércio, população, transporte fluvial, clima), não esquecendo "o elemento sírio" presente no sertão e na baixada maranhense[38]. Quando discorre sobre estes chega à conclusão de que "pode-se considerar o sírio como ótimo elemento educacional e disciplinador nesses meios atrasados onde ele começa a lutar pela vida"[39]. O mesmo autor vai mais longe em relação à contribuição destes para a melhoria do povo do Maranhão, chegando a afirmar que "traria um melhoramento genético aos caboclos no cruzamento da nossa raça com a dos sírios proporcionando tipos excelentes de rapazes e de moças brancas, quer do ponto de vista da robustez física como da coragem e dos bons costumes".[40]

Já Lopes[41], escrevendo na segunda metade da década de 1930, no capítulo em que analisa a "formação Humana" do "torrão maranhense", passa em revista os diversos grupos de estrangeiros que habitaram o Maranhão ao longo do tempo: ingleses, franceses, portugueses e "sírios". Caracterizando-os, diz sobre os sírios que "*o único defeito*, porém, dessa imigração, e, como na portuguesa, é o exclusivismo comercial, *e não o atraso do sírio, que não é bárbaro* [...]". (grifo nosso). É[42] categórica quando se refere à relação da presença libanesa no Maranhão e ao progresso: "[...] levando aos lugares mais humildes um pouco de progresso". Se observarmos a história desses imigrantes com base em suas falas e nos textos escritos sobre eles, pode-se afirmar que para a maioria dos autores ela se resume como muito bem-sucedida[43].

---

36 KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000

37 MACEDO, Eurico Teles de. **O Maranhão e suas riquezas**. São Paulo: Siciliano, 2001.

38 Microrregião do Maranhão situada a oeste e sudeste da Ilha de São Luís, formada por grandes planícies que se alagam formando grandes lagos durante o período de chuvas.

39 Microrregião do Maranhão situada a oeste e sudeste da Ilha de São Luís, formada por grandes planícies que se alagam formando grandes lagos durante o período de chuvas.

40 Microrregião do Maranhão situada a oeste e sudeste da Ilha de São Luís, formada por grandes planícies que se alagam formando grandes lagos durante o período de chuvas.

41 LOPES, Raimundo. **Uma região tropical**. Rio de Janeiro: Fon-Fon, 1970.

42 FRANÇA, Magda. **O estabelecimento da colônia libanesa no Maranhão**. 1991. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1991.

43 Gattaz (2005), Fausto (1998), Truzzi (1997), França (1991), Santos (2000), Lima (1981) e Brito (2002).

Os sírios e libaneses que desembarcaram no Brasil a partir das duas últimas décadas do século XIX, por conta própria, sem qualquer auxílio ou incentivo do governo, foram indivíduos que começaram, em grande parte, mascateando e vendendo bugigangas de porta em porta, nas capitais e nas cidades do interior, e, segundo esses autores, progredindo economicamente até se tornarem prósperos comerciantes, sendo alguns, mais tarde, donos de indústrias e de grandes casas comerciais. Na segunda e terceira gerações, por sua vez, teriam prevalecido como bem-sucedidos aqueles que se enveredaram pelas carreiras liberais ou políticas. Todas essas conquistas seriam frutos de árduo trabalho. Assim se resumiria a saga dos imigrantes sírios e libaneses para muitos estudiosos do tema. É dessa maneira que os próprios sírios e libaneses e seus descendentes contam sua história.

As trajetórias das famílias Duailibe e Aboud são ilustrativas nesse sentido, como conta Santos[44], que entrevistou Antonio Duailibe, filho de Salim, o qual era sobrinho de Abraão, provavelmente o primeiro Duailibe a chegar ao Maranhão. Abraão, nascido na cidade de Zarhle, chegou a São Luís em 1894, trabalhando inicialmente no comércio. Quatro anos depois chegou seu sobrinho, Salim, que por sua vez também foi trabalhar no comércio. Salim desembarcou em São Luís com a irmã Rosa e seu primo Moisés Duailibe. Depois de anos ajudando seu tio, montou seu próprio negócio, primeiro vendendo farinha, o que não deu certo, em seguida trabalhando com o comércio varejista. Já estabilizado, Salim mandou chamar os irmãos, Miguel e Jorge. Tempos depois, Jorge faleceu de febre amarela, enquanto Miguel separou-se do outro irmão e depois de algum tempo sendo sócio de um patrício, Sekeff, “conseguiu ampliar seus negócios no setor industrial, passando a trabalhar no ramo de torrefação de café [...]”. [45]Os Aboud, por sua vez, têm uma trajetória inicial diferente, que inicia com uma mulher, caso raro nos primeiros anos da imigração [46]. Chames Aboud, viúva e mãe de quatro filhos, chegou ao Brasil em 1898, desembarcando primeiramente em Santos. Embrenhou-se pelo interior, a oeste, trabalhou no Acre e depois de acumular algum pecúlio dirigiu-se ao Maranhão, chegando por volta de 1902, onde fundou a Casa Otomana, que se transformou em um próspero comércio, no qual negociava estivas e

---

[44] SANTOS, Robson Ruiter Mendonça. **Estudo da imigração libanesa no Estado do Maranhão**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.

[45] SANTOS, Robson Ruiter Mendonça. **Estudo da imigração libanesa no Estado do Maranhão**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.

[46] GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil:** história oral dos imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.

miudezas. Segundo Santos[47], "a família continuava prosperando. Em 1931 a firma já era Chames Aboud & Cia. e se encontrava estabelecida no mais importante bairro comercial de São Luís, a Praia Grande [...]". Comercializando babaçu, arroz e algodão, atuaram em vários municípios com filiais, diversificando sua atuação para a área de beneficiamento de arroz e óleos, "além da famosa fábrica de tecidos Santa Isabel". (p. 39)[48]. Anos depois, parte do patrimônio foi ceifado, porém, os Aboud projetaram-se em outro campo, a política, sendo César Aboud, neto da matriarca, vice-governador do Maranhão.

Os textos que tratam da imigração libanesa no Brasil, independentemente da abordagem e do espaço que privilegiam, trazem exemplos de homens, mulheres e famílias bem-sucedidas, indivíduos que geralmente começaram mascateando e transformaram seus pequenos negócios em prósperas casas de comércio ou indústrias, corroborando com as representações elaboradas e difundidas pelos sírios e libaneses.

No Mato Grosso do Sul, Souza[49] mostra como os sírios e libaneses que chegaram à região de Dourados no final do século XIX e início do XX, já na década de 1920, implantavam suas casas comerciais. Outros que chegaram posteriormente conseguiram a mesma façanha, como Elias Milan.

> Elias chegou a Dourados em 1922, tornou-se o "primeiro comerciante forte da cidade". Foi dono da casa comercial A Favorita, que, além de Dourados, atendia também à região de Juti, onde foi estabelecida uma filial. Milan possuía caminhões que iam buscar mercadorias em Campo Grande. Produziu cerâmica na fazenda Barreiro Seco, além de ter tido uma fábrica de essência de laranjeira.[50]

Souza[51] descreve ainda as trajetórias de outros sírios e libaneses que conquistaram a prosperidade na cidade de Dourados. A história de vida do sr. Milan, descrita por Souza, seria a prova incontestável de que suas conquistas e enriquecimento foram frutos de muito trabalho. O autor não faz referência ou questionamento algum

---

47 SANTOS, Robson Ruiter Mendonça. **Estudo da imigração libanesa no Estado do Maranhão**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.
48 SANTOS, Robson Ruiter Mendonça. **Estudo da imigração libanesa no Estado do Maranhão**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.
49 SOUZA, Roney Salina de. A imigração de sírios e libaneses no antigo Sul do Mato Grosso: o caso de Dourados. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 1, jan./jun. 2007
50 SOUZA, Roney Salina de. A imigração de sírios e libaneses no antigo Sul do Mato Grosso: o caso de Dourados. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 1, jan./jun. 2007.
51 SOUZA, Roney Salina de. A imigração de sírios e libaneses no antigo Sul do Mato Grosso: o caso de Dourados. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 1, jan./jun. 2007.

sobre a possibilidade de nem todos terem tido a mesma trajetória, apontando somente para os vencedores:

> A imigração de sírios e libaneses para Dourados tem um significado econômico e demográfico importante, primeiro pelo fato de que estiveram neste local após um processo de trabalho do comércio móvel, como mascates, segundo por que acumularam um capital inicial a fim de abrir uma loja a varejo. A casa comercial representa o estabelecimento deste grupo em Dourados [...][52]

Já no sul do país, Kemel[53] estuda os sírios e os libaneses na perspectiva das sociabilidades, da família, das relações entre patrícios e nacionais, da comida e da religiosidade, tentando distanciar-se da representação mascate/comerciante/industrial. A autora, porém, deixa escapar essa mesma imagem, talvez de forma inconsciente. Sem tratar especificamente sobre a relação positiva dos sírios e libaneses com o trabalho, sem mencionar o espírito laborioso, tão propagado por eles e por outros, Kemel exibe uma foto de um velho sírio ou libanês sentado à mesa com pilhas e pilhas de tecidos ao fundo[54], o que dá a conotação de um próspero negócio, fruto de trabalho intenso e duradouro. Algumas páginas depois, ela explica a forte ausência do homem, do pai, na família em função do trabalho.

Parece muito difícil para a maioria dos autores se desvencilhar dessa representação – a prosperidade socioeconômica – como fica explícito no texto de outra autora, Mauad[55], que conta a trajetória de famílias libanesas no Rio de Janeiro, inclusive a sua, através de fotografias. A autora dá ênfase aos bem-sucedidos, analisando suas fotografias de família, nas quais ganham destaque carros, palacetes, viagens e estabelecimentos comerciais.

Esses ambientes privilegiados pelas fotografias, assim como a posse de uma máquina fotográfica no início do século XX, já denotavam riqueza, que por sua vez seria conquistada com o trabalho, como fica claro no seguinte depoimento selecionado pela autora: "[...] E o Sr. Jorge aceitou e começaram a trabalhar juntos [...]. O lugar

---

52 SOUZA, Roney Salina de. A imigração de sírios e libaneses no antigo Sul do Mato Grosso: o caso de Dourados. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 1, jan./jun. 2007.p.12.

53 KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

54 A legenda da foto diz: "trabalho no comércio, característico dos grupos sírios e libaneses". (p. 46).

55 MAUAD, Ana Maria. Donos de um certo olhar: trajetória familiar e imigração libanesa no Rio de Janeiro In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7 LETRAS, 2000.

chamava-se São Luiz. Lá eles abriram um armazém de café e de vender tudo. E começaram a trabalhar. Trabalharam e foi tudo pra frente [...]". [56]

O trabalho, como se pode perceber, é outra representação elaborada e difundida pelos próprios libaneses, sírios e estudiosos da temática. Não quero dizer que a ideia de que muitos desses imigrantes e seus descendentes progrediram economicamente seja falsa, nem que, sendo verdadeira, não tenha se constituído a partir do trabalho.

Para Chartier (apud CARDOSO)[57], "a relação assim estabelecida não é de dependência das estruturas mentais para com suas determinações sociais. As próprias representações do mundo social é que são os elementos constitutivos da realidade". [58] De acordo com o autor, a separação entre estruturas objetivas e representações subjetivas é um equívoco, como defendeu os Annales, "as representações coletivas são 'matrizes que dão forma às práticas de que o próprio mundo social é construído'". [59], logo, as representações elaboradas por esse grupo não são invenções vazias e muito menos estão deslocadas da realidade. O que falam sobre si mesmos e o que é reproduzido por escritores e colaboradores diz respeito à forma como se veem e como querem ser vistos.

Quando acusados pelos maranhenses de perseguirem as famílias "com suas bugigangas, forçando a comprarem aquilo que não precisam"[60], eles se defendem ou são defendidos a partir da referência ao trabalho: "por meio do trabalho honesto prover a sua subsistência".[61]

A imagem do imigrante trabalhador, por sua vez, contrapõe-se à imagem do brasileiro e do maranhense em particular, como preguiçoso. Muito mais do que senso comum, teóricos do final do século XIX e início do XX apontavam para pouca vontade dos nativos de trabalhar, afirmando que a preguiça era um mal que só seria vencido com o branqueamento da população e que a miscigenação brasileira seria o fator preponderante de nossos males, entre eles, a pouca vocação para o trabalho, o que teria

---

[56] KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses**: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

[57] CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBAS, Jurandir. **Representações**: uma contribuição para o debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000.

[58] MAUAD, Ana Maria. Donos de um certo olhar: trajetória familiar e imigração libanesa no Rio de Janeiro In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7 LETRAS, 2000.

[59] MAUAD, Ana Maria. Donos de um certo olhar: trajetória familiar e imigração libanesa no Rio de Janeiro In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: 7 LETRAS, 2000.

[60] **A Pacotilha**, 1900/1901/1909/1912.

[61] **Diário do Maranhão**, 1900

como consequência o atraso do país. "A mestiçagem existente no Brasil não só era descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso e uma possível inviabilidade da nação".[62] Essas teorias que desqualificavam a miscigenação chegaram ao Brasil tardiamente, porém, ganharam relevo entre muitos estudiosos e contribuíram para projetar nossa imagem, ligando-a ao malandro e ao preguiçoso: "Sabemos que não é de hoje que nós, povos nascidos nos trópicos, somos vistos como *primitivos, preguiçosos, malandros, desocupados* e tratados por muitos, mesmo agora, como *sub-raça*". [63]

Viajantes também se reportavam a essa característica do povo brasileiro. Ao passar por Lajes, em Santa Catarina, o médico alemão Avé-Lallemant afirmou nunca ter visto tanta indolência, "ou melhor, tanta preguiça como entre os camponeses de Lages".[64] Essa representação é reproduzida por membros dos sírios e libaneses e contraposta à visão do libanês trabalhador, como diz o sr. Michel Rabane[65]: "Os maranhenses são preguiçosos, enquanto os libaneses gostam de trabalhar duro".

Para esses imigrantes, que vieram com a intenção de trabalhar e de enriquecer, o valor atribuído ao trabalho ganha relevo. As fortunas constituídas entre alguns membros desse grupo são propagadas por muitos que, mesmo não alcançando o patamar de grandes empresários ou de profissionais liberais de sucesso, fazem da vitória econômica e social de poucos uma marca de seu grupo – é o que Tomson[66] chama de mito comunal. Nesse contexto, o trabalho ganha projeção. Se nem sempre a representação dos libaneses e sírios trabalhadores é convocada explicitamente, as narrativas que lembram a luta diária no comércio, as tentativas comerciais diversificadas e o sucesso levam quem ouve ou quem lê seus depoimentos à conclusão de que a vida desses homens e mulheres foi o trabalho, pois o lazer aparece muito discretamente nesses depoimentos, dando ênfase sempre às atividades comerciais. Henry Duailibe[67], quando narra a trajetória do pai, destaca a sua versatilidade no ramo comercial:

---

62 SCHWARCZ, Lílian Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1887-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

63 SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio. O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. v. l 47, n. 02 Campinas, jul/dez. 2008.

64 ALENCASTRO, Luís Filipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes In: ALENCASTRO, Luís Filipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil**: Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

65 Entrevista concedida por Michel Rabane, em São Luís, em 11 de novembro de 2005.

66 TOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história ora e estudos de imigração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

67 Entrevista concedida por Henry Duailibe, em São Luís, em 23 de março de 2007.

> Os libaneses estavam vindo pra cá, estavam se dando bem, né? Por que a vocação do libanês é ser empresário, você não vê um, vem pra cá monta restaurante, dono de padaria.
> A riqueza está no libanês, ele sabe onde comprar as coisas e vender as coisas [...].
> Salim [seu tio] já tinha o comércio, eles se expandiram, depois de uns cinco ou seis anos eles resolveram se separar. Papai se associou com outro libanês chamado Sekef e abriram uma loja de couro aqui.

O deslocamento do Líbano para o Maranhão também está relacionado com o trabalho. O libanês não vem a passeio, mas vem trabalhar e ajudar nos negócios dos parentes, como foi o caso do Sr. Abdom Salem[68]:

> Porque meu irmão tava aqui trabalhando, lutando com meu tio Abdon Murad. Abdon Murad o mandou. Nabi mandou me chamar, meu irmão, pra ajudar ele trabalhar porque ele casou, porque ele queria uma ajuda, ajuda, eu vim pra cá, eu sai do colégio, eu vim diretamente pra cá pro Maranhão, pro Maranhão.

É ainda o sr. Salem quem nos conta sobre a sua rotina diária e as viagens comerciais do irmão, sempre ligadas ao trabalho: "Era mercearia, uma lojinha mercearia, era. Trabalhei com meu irmão, fiquei trabalhando. Ele viajando para o interior, viajando para o interior e eu fiquei lá pesquisando o preço, botando o preço". O trabalho, então, explicaria as trajetórias positivas, de sucesso desses imigrantes, reproduzidas nos livros.

Outro exemplo de como a historiografia que trata do tema da imigração síria e libanesa reforça a representação do sírio e libanês bem-sucedido se encontra no livro *De mascates a doutores*, de Oswaldo Truzzi[69]. Nele, Truzzi analisa a trajetória desse grupo, evidenciando seu sucesso no comércio e nas profissões liberais.

> Os sírios e libaneses foram, portanto em geral muito bem-sucedidos no comércio e nas profissões liberais, em particular na medicina. A história social da colônia evidencia a conquista de um setor comercial importante em São Paulo nas primeiras décadas do século e como isso possibilitou a entrada maciça de seus filhos no mercado das profissões liberais.[70]

---

68 Entrevista concedida por Abdon Salem, em São Luís, em 15 de março de 2007.

69 TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. Brasília: Sumaré, 1991.

70 TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. Brasília: Sumaré, 1991. P.111.

Em outro texto, Truzzi[71] mostra a inserção dos descendentes desses imigrantes na política nacional.

> Na primeira eleição em seguida à ditadura e Vargas convocada para escolher os deputados à Constituição de 1946, um só político de ascendência sírio-libanesa foi eleito em São Paulo. O início de sua carreira política prenunciava um padrão de recrutamento de políticos da colônia que somente se mostraria vigoroso anos mais tarde. (TRUZZI, p. 31).

Em ambos os textos, ficam evidentes as conquistas desse grupo, o qual alcançou lugares de prestígio econômico, político e social.

O autor, descrevendo a trajetória de sucesso de um dos descendentes, Alexandre Kalil Yazbek, diz: "Tendo integrado a primeira turma de formandos da Faculdade de Medicina de 1919, [...] tornou-se um dos maiores médicos da colônia sírio-libanesa em São Paulo".[72]

Seria trabalhoso e desnecessário catalogar e relatar histórias de sucesso em cada autor lido, mas o que fica evidente é que todos não fogem do estereótipo do imigrante vencedor. Não se está negando aqui, como já dito, o sucesso dessa etnia na sua jornada no Brasil, pelo contrário, é notório que muitos foram vencedores e que com muito trabalho chegaram ao sucesso, mas o que é interessante observar são as lacunas relacionadas aos imigrantes e descendentes que não deram certo. O silêncio dos autores em relação a esse outro grupo leva-me a crer que as representações propagadas foram tão eficazes que mesmo estudiosos experientes não se interessaram em discuti-las, acatando uma imagem já elaborada.

Entre tantas histórias de sucesso, esse outro personagem não aparece, pois é camuflado, evitando-se falar nele ou mesmo mencionar sua existência, quais sejam: o imigrante malsucedido, o libanês pobre, o patrício que não enriqueceu, o viajante marginal.

Essa questão é bastante delicada quando tratada com membros do grupo. Nas entrevistas, há uma tendência de negar sua existência. Nas minhas entrevistas, os libaneses ou seus descendentes, assim como os sírios, não mencionaram sua existência,

---

[71] TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. Brasília: Sumaré, 1991.
[72] TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. Brasília: Sumaré, 1991.p.85.

e, quando questionados, negaram conhecer exemplos. O sr. Rabane[73], por exemplo, afirma que "se existiram eu não me lembro, um ajudava o outro e assim ia".

Cabreira[74], estudando a imigração em São Paulo, identifica a dificuldade: "A ideia de que nem todos, apesar do trabalho, conseguiram chegar aonde queriam e de que entre eles existiam patrícios pobres foi encontrada em poucos entrevistados". Ora, afirmar a existência de pobres significaria desconstruir uma representação positiva da imigração elaborada e difundida pelo grupo. Quando é admitida a sua existência, a justificativa está pronta: seriam vagabundos, beberrões, jogadores inveterados ou aqueles que preferiam se divertir com mulheres a trabalhar, como afirma um dos entrevistados de Cabreira[75]. Percebe-se que são colocados de lados opostos e devidamente justificados os bem-sucedidos e os que não deram certo. O trabalho ou a sua ausência aparece como motor do sucesso ou do fracasso, o que acaba reforçando o mito do libanês bem-sucedido, trabalhador. Os determinismos e generalizações são perigosos, é preciso questionar, investigar e sugerir outros caminhos de análise. Gattaz[76], no capítulo intitulado "O mascate e o mito", de sua tese de doutorado, aponta que:

> muitos imigrantes, ainda que vindos para o Brasil nas primeiras décadas do século só conseguiram atingir o patamar de pequenos comerciantes, nunca alcançando a ambicionada fase de atacadista ou industrial. Outros nem a isso chegaram, permanecendo como funcionários de seus parentes mais bem estabelecidos. Há ainda alguns poucos relatos de libaneses trabalhando em fazendas ou como sitiantes.[77]

Nem todos conseguiram êxito em seus projetos, muitos não passaram de pequenos comerciantes, donos de botecos ou de lanchonetes; outros não saíram da condição de empregados, trabalhando atrás de balcões de comércio; existiram ainda aqueles que não "deram certo", que não se estabeleceram nem de uma forma, nem de outra; e os que enveredaram por outros caminhos, como o da ilegalidade. Essas duas últimas fatias da imigração buscaram como saída para a sobrevivência, ou tentativa de melhoria de vida, negócios escusos, como o roubo, pequenos golpes e contravenção,

[73] Entrevista concedida por Michel Rabane, em São Luís, no dia 13 de novembro de 2005.
[74] CABREIRA, Márcia Maria. Cultura e identidade em São Paulo: a imigração síria e libanesa. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 1, v. 3, 2001.
[75] TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. Brasília: Sumaré, 1991.
[76] GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil:** história oral dos imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.
[77] GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil:** história oral dos imigrantes. São Paulo: Gandalf, 2005.p.105.

escapando daquela representação criada e propagada pelos sírios e libaneses, a de que todos os seus patrícios foram bem-sucedidos.

A partir dos que não tiveram sucesso, como também daqueles que lograram êxito, estabeleceram-se dois conjuntos de representações, um construído e difundido pelos próprios sírios e libaneses, que insistiam que todo patrício teria sido bem-sucedido e que homens e mulheres vindos da antiga Síria apresentariam uma vocação incondicional para o comércio e forte apego ao trabalho. Em contrapartida, os brasileiros – maranhenses e ludovicenses – elaboraram uma outra imagem desses imigrantes, associando-os ao roubo, à falcatrua e à desonestidade e acusando-os de enriquecerem ilicitamente, de desestruturarem o comércio da praça de São Luís, de quererem viver som-ente da atividade comercial, bem como de não trabalharem.

Essa luta de representações se deu com maior vigor no final do século XIX e início do XX e perdurou pelas duas próximas décadas, perdendo força ainda nesse período e tendo como vencedora a representação dos imigrantes, consolidada a partir da década de 1930, como se pode observar nos jornais e na literatura sobre o tema, quando deixam de ser acusados e passam a figurar como exemplos de moral e comportamento a serem seguidos.

Entendo que essa luta pelo imaginário coletivo, por um conjunto de representações que devem ser fixadas, teve como vencedora a dos sírios e libaneses, pois foi a versão que fizeram de si mesmos que prevaleceu, seja na literatura descomprometida academicamente, seja nos escritos acadêmicos, seja no senso comum. A mudança do tom nos livros que abordam o tema pode ser percebida, embora ligeiramente, a partir da década 1930; nos jornais, ainda na década de 1910, mas com maior vigor, na de 1920. É importante notar que esse conjunto de representações positivas aparece nos trabalhos acadêmicos recentes em todo o Brasil, nos quais autores e autoras, mesmo que de forma inconsciente, repetem essas representações sem questioná-las.

Porém, afirmar que luta foi vencida integralmente seria um erro, entendo que essas imagens elaboradas pelos sírios e libaneses sobre si mesmos que permanecem no imaginário coletivo sofrem contínuos ataques e por isso precisam ser reforçadas constantemente. A permanência da alcunha dada, no Maranhão, a esses imigrantes (carcamanos) e da fama que têm de obter dinheiro sem necessariamente ser fruto de trabalho árduo são indicativos de que a representação positiva precisa ser reelaborada.